

O CORPO PERFORMÁTICO DE EVGEN BAVCAR

EVGEN BAVCAR'S BODY IN PERFORMANCE

Fernanda MAGALHÃES¹

RESUMO

Este artigo aborda o trabalho do artista franco esloveno Evgen Bavcar através de uma reflexão sobre sua produção como artista, fotógrafo, filósofo e poeta, e como ele utiliza seu corpo em uma atuação performática, uma ação política que afeta o seu corpo e de todos que se aproximam de seu trabalho. Bavcar busca aproximar o mundo visível do invisível, tentando romper esta forte separação na contemporaneidade. O artigo aborda questões sobre a construção do olhar, a fotografia e a performance além de fazer um relato sobre o contato da artista Fernanda Magalhães com Bavcar e suas produções.

Palavras-chave: Fotografia; Arte; Cegueira.

ABSTRACT

This article presents the work of the French Slovenian artist Evgen Bavcar discussing his production as artist, photographer, philosopher and poet, showing how he uses his body as in a performance. His work has a political thrust which affects his body as well as those of all who share in his work. Bavcar attempts to bring together visible and non visible worlds, breaking with the forceful separation of contemporary times. Besides offering an account of the author's contact with Bavcar and his production in photography and performance, the article reflects on issues demonstrating that viewing is a construction.

Key words: Photography; Art; Blindness.

Introdução

Evgen Bavcar (pronuncia-se E-U-GUENBA-U-CHAR) é um dos grandes artistas da

contemporaneidade. Em suas criações ele traz à tona imagens, textos, idéias e toda uma emoção dos sentidos perdida na civilização do *stress* visual.

⁽¹⁾ Professora Universitária e Artista. Universidade Estadual de Londrina. CECA/Arte – Centro de Educação, Comunicação e Artes, Departamento de Artes. *E-mail:* fermag@sercomtel.com.br

Artista reconhecido mundialmente com vários livros publicados, já dirigiu filmes e suas exposições circulam por diversos países. Nascido em 2 de outubro de 1945 em Lokavec, Eslovênia (ex-Iugoslávia), vive atualmente em Paris. É pesquisador desde 1976 no Centre National de la Recherche Scientifique, que reúne importantes pensadores na área das Ciências Humanas. Em 1988 foi convidado para ser o fotógrafo oficial do “Móis de La Photo”, importante evento anual que se realiza em Paris, retratando todos os fotógrafos participantes. Bavcar é doutor em filosofia, estética e história pela Sorbonne.

Evgen Bavcar é também cego. Ele sofreu dois acidentes que o deixaram totalmente cego aos 12 anos de idade. Os acidentes o levaram à arte. Seu trabalho se estrutura a partir de sua busca em reconciliar o mundo visível ao invisível.

Meu contato com seus textos foram uma feliz aproximação desde o primeiro texto de Bavcar que tive contato. Aos poucos e a cada novo texto, dele ou sobre ele, mais tudo me interessava muito. Assim, durante alguns anos, junto com outros autores que abordavam as questões do olhar, da cegueira, da visão, estes pensamentos foram foco para mim.

Esta minha aproximação me levou a elaboração de um projeto de ação, uma atuação como artista fotógrafa, com deficientes visuais.

O projeto “A Expressão Fotográfica e os Cegos” foi proposto e aprovado pela *Lei Municipal de Incentivo a Cultura da Cidade de Londrina* e foi

desenvolvido durante o ano de 2002, por mim e pela jornalista Karen Debértolis.

O projeto propôs um curso, com duração de 1 ano, para um grupo de 20 deficientes visuais, ensinando a eles a fotografia, com suporte no trabalho de Evgen Bavcar.

O projeto foi realizado e com grata satisfação o resultado foi muito além do esperado. O andamento do projeto foi permeado por tantos entusiasmos que muito se foi além do previsto originalmente. Assim, ao final deste ano de trabalho, conseguimos realizar em Londrina um evento muito importante para todos os que acompanhavam os acontecimentos.

Trouxemos para Londrina Evgen Bavcar e outros convidados envolvidos nesta reflexão². Por uma semana fotografamos, discutimos em mesas redondas, abrimos uma exposição de Bavcar e dos alunos além de lançamento de livro, projeção de filmes, um *workshop* de Bavcar com os alunos do projeto, entrevistas e saídas fotográficas pela cidade.

Os alunos, professores, amigos, familiares, artistas da cidade, alunos das universidades, todos participaram com paixão do evento³.

Após o evento e encerramento do projeto, outras ações se desenrolaram: elaboração de textos, participação em eventos, organização do acervo do projeto – fotos, relatos e áudios –, contato com os alunos, propostas para a itinerância da exposição, propostas para a continuidade do

⁽²⁾ O evento realizado como encerramento do projeto “A Expressão Fotográfica e os Cegos” contou com programação realizada de 24 de novembro de 2002 a 10 de janeiro de 2003. Programação: - Saída Fotográfica com Evgen Bavcar a partir do Museu de Arte de Londrina, 24 de nov, 14h. – Workshop de Evgen Bavcar com alunos cegos e outros interessados, Local: Instituto Londrinense de Instrução e Trabalhos para Cegos, 25 e 26 de nov, 14 às 17h. – Ciclo de Vídeos, Local: Museu de Arte de Londrina, 25 a 27 de nov, 14 às 17h. – Encontro de Eliane Veloso com alunos da Universidade Estadual de Londrina, Local: Auditório do CCH/UDEL, 26 de nov, 14h. – Exibição do Filme Janela da Alma, Cine Catuaí, 27 de nov, 10h. – Workshop de Eliane Veloso com alunos Cegos e outros interessados, ILITC, 27 de nov, 14 às 17h. - Encontro de Adauto Novaes com alunos da UEL, Auditório do CCH/UDEL, 27 de nov, 14h. – Mesa Redonda “Projeto A Exp. Fotog. E os Cegos: processo e resultados” com a participação de Fernanda Magalhães, Karen Debértolis, Shirlei Sambati, aluna do projeto e Sílvia Leites, diretora do ILITC; Local: Auditório da Assoc. Médica de Londrina, 27 de nov, 19h. – Exposição “Vistas Táteis” com Evgen Bavcar e alunos do Projeto, Museu de Arte de Londrina, 28 de nov 2002 a 10 de jan 2003. – Lançamento do Livro *Tempos de Tempo da fotógrafa cega Eliane Veloso*, Museu de Arte de Londrina, 28 de nov, 10h. - Mesa Redonda “O Ponto Zero da Fotografia” com a participação de Evgen Bavcar, Adauto Novaes e Eliane Veloso, Local: Auditório da Assoc. Médica de Londrina, 28 de nov, 19h. – Mesa Redonda “Uma Construção do Olhar Contemporâneo” com a participação de Paulo Reis, Marta Dantas e Isaac Camargo, Local: Auditório da Assoc. Médica de Londrina, 29 de nov, 19h.

⁽³⁾ No livro *Memória do Brasil*, 2003, p. 101 a 109, Bavcar relata sua participação no evento em Londrina. Projeto publicado nos *Anais do 1º Congresso Internacional Arte Sem Barreiras*, p. 56 a 58, 2002/2003.

projeto e contatos e trocas de reflexões com Evgen Bavcar.

No começo deste ano de 2004 Bavcar esteve no Brasil. Entre seus compromissos Bavcar reservou 3 dias para ir ao Rio de Janeiro fotografar o Jardim Botânico. Fui convidada e participei desta sua ação fotográfica, o que muito acrescentou em minhas reflexões.

Outono de 2004

Quando Bavcar fotografa ele dança. Se estabelece uma harmonia de Bavcar com a natureza e a luz que ele ilumina naquelas trevas. Bavcar nos mostra um mundo outro, imperceptível para nós, totalmente cegos a estas outras percepções. É impressionante, sedutor e apaixonante deixar ele nos descortinar, nos levar a ver este mundo o qual ele habita.

É uma oportunidade única acompanhar Bavcar dançando com os vaga-lumes no Jardim Botânico do Rio de Janeiro numa noite de outono. Este momento que compartilhei, em abril de 2004, foi um momento especial, único e de entendimento. Fui convidada e aceitei imediatamente a oportunidade de estar mais uma vez com Bavcar e desta vez com ele neste seu momento mais íntimo de produção. Foram três dias no Rio de Janeiro, vários encontros para conversas/entrevistas/trocas e, no segundo dia, nossa ida àquele espaço de natureza exuberante.

Bavcar se programou para que chegássemos lá ainda durante o dia, no período da tarde, para explorarmos o local antes das fotos. Os monitores gentilmente nos mostraram o Jardim Sensorial, algumas árvores especiais e o Pau-brasil que tanto Bavcar queria conhecer. Caminhamos entre tantas espécies diferentes e exóticas e depois desta exploração Bavcar estava pronto para fotografar. Esperamos anoitecer. O jardim se tornou muito escuro já que no seu interior não há luz alguma. Os vaga-lumes salpicavam e o som do sapo martelo tomou conta daquela imensidão. Então estávamos prontos e ali, naquela escuridão, as imagens começaram a surgir.

Como uma metáfora de sua condição, Bavcar costuma fotografar a partir da escuridão. Suas imagens são “iluminadas” e assim se constroem. Com uma lanterna Bavcar ilumina aquelas paisagens derramando luz sobre as sombras e permitindo a todos a sua clarividência. Aos poucos as imagens se formam latentes dentro da câmara escura. Bavcar sabe exatamente o que está construindo naquela fotografia. Assim ele vai trocando as lanternas, os filtros coloridos na frente da luz, seus tempos e densidades e comanda aquele balé genial.

No dia seguinte, no Hotel, pude ver o resultado de um dos tantos filmes que Bavcar realizou. As fotografias iluminadas mostram as árvores, as copas e os caminhos do Jardim Botânico. Tudo iluminado pela luz de lanternas que pintam a escuridão com a luz e mostram aquilo que Bavcar pretendia descortinar. Os outros filmes serão revelados em Paris em um laboratório já conhecedor de seus trabalhos.

Esta experiência, em conhecer o artista Evgen Bavcar e com ele poder estabelecer uma troca, é entrar e conhecer um novo mundo, uma outra forma de ver as coisas, é tentar perceber o outro em toda a sua dimensão. A mim, Bavcar trouxe um alargamento de fronteiras. As sombras mudaram de lugar. Este deslocamento causa vertigem e a vertigem provoca uma mudança de postura, uma parada, um repensar, um novo olhar. Assim esta ação que Bavcar realiza é transcendente. Modifica substancialmente os corpos, é performática, um ritual de transformação.

Bavcar, em suas ações performáticas, transforma o seu corpo a cada atitude ou texto em constante construção, afeta o corpo do outro e constrói sua arte, sua filosofia, sua poesia e vida.

O Contra Olhar

Evgen Bavcar em sua vida teve experiências com seu corpo que o levaram à precariedade da vida e em estado de transcendência à fotografia, à arte, à filosofia e à poesia. Bavcar é um artista. Artista fotógrafo poeta filósofo. Sua experiência

corporal com a visualidade e suas outras percepções de mundo estão totalmente interligadas ao seu fazer arte e tudo se dá na perspectiva de uma grande ação performativa. “O Bavcar tira fotos do meio, de dentro, não de fora. Ele não se afasta para ver as coisas, ao contrário, ele está mergulhado nas coisas. O lugar dele é o de dentro”(BRISSAC, 2000, p.40).

Bavcar sofreu um acidente com um galho de uma árvore aos dez anos de idade que o deixou cego de um olho. Dois anos mais tarde, ao brincar, sem saber, com uma mina de guerra, em seu país, a Eslovênia, fatalmente perdeu sua outra visão.

Os oito meses decorrentes do segundo acidente, nos quais lentamente Bavcar se despede de sua visão retiniana, reafirmam uma atitude transformadora de vida. Sua ação perante os acidentes e a modificação de seu corpo provoca a aproximação de Bavcar, ao longo dos anos, da arte de uma forma abundante.

O confronto com esta nova perspectiva, apesar de aterradora, o leva a um novo mundo que se descortina e que era até então jamais imaginado. Assim Bavcar compreende este novo horizonte, muito mais tátil e muito menos visual, esta nova percepção de mundo que se mostra concretamente.

Sua atitude perante estes acidentes e suas ações o levam à arte. Ele subverte a condição dada ao cego e busca o que seria negado a um não vidente, a fotografia. Segundo a revista Benjamin Constant:

Na obra de Bavcar, podemos perceber claramente uma relação íntima entre a visão, a cegueira e a invisibilidade: seu trabalho, como ele mesmo costuma definir, consiste em reunir o mundo visível ao invisível. Mas por que um cego se interessa em fotografar o que não vê? Qual seria sua motivação, seu objetivo, ao fazê-lo? Essas questões podem nos intrigar, mas para Bavcar, elas têm uma resposta relativa-

mente simples: a fotografia é sua maneira de perverter o método de percepção estabelecido entre as pessoas que enxergam e as pessoas cegas (REVISTA BENJAMIN CONSTANT, 2001, p.25).

Com isto Bavcar permite a construção de um novo olhar, um *contra-olhar*⁴, questionador da visão oculo-centrista que valoriza a visão retiniana como percepção máxima e mais importante na sociedade contemporânea. Questiona a forma de olhar construída que valoriza sobretudo a aparência.

É aqui, através do corpo e de todos os sentidos, que Bavcar nos ensina a ver. Ele nos mostra que não se vê com os olhos apenas. É a crítica mais radical que podemos ter da idéia primeira e imediata como verdade (NOVAES, 2000, p.27).

Bavcar se envolve totalmente com seu corpo e participa como criador, poeta e performer de seu próprio trabalho. Quando Bavcar se coloca em suas imagens, coloca seu corpo ou fragmentos dele nas fotografias. Imagens que revelam seu corpo todo (auto-retratos) ou partes dele como suas mãos repetidas vezes sobrepostas ao que ele fotografa.

Bavcar usa a mão esquerda para apalpar as pessoas, estátuas e muros e, ao mesmo tempo, fotografa, ele introduz o elemento tátil ao se colocar em meio as coisas. Todas as fotos dele são a princípio táteis, porque ele entende o mundo como um universo que o cerca, e não como um universo que se descortina para ele à distância (BRISSAC, 2000, p. 42).

Em seus textos e suas falas, Bavcar sempre se coloca em ação. Sua presença, atitude, as roupas que usa, o chapéu, o cachecol e os óculos vermelhos, tudo tem um sentido de ação, uma presença de seu corpo. Ele sempre usa um espelho-broche preso na lapela de sua roupa para devolver a imagem ao outro.

⁴ Termo utilizado por Evgen Bavcar para referir-se à imagem construída pelos cegos. “(...) os cegos podem, pela primeira vez na história, criar um contra-olhar e sair da passividade insuportável daqueles que são vistos incessantemente, sem poder olhar para eles mesmos.”(Bavcar, 2003).

Devoiver seu olhar ao outro significa existir e estar em posição de responder à questão daquele que vê você. O olhar, na realidade, não existe sem o diálogo entre aquele que olha e vê você, e o outro que olha também, mas que não vos vê a partir do mesmo registro de percepção (BAVCAR, 2003).

Uma ação política que permite ao outro ver para além de sua imagem refletida. “Aquele que não pode ver está, na verdade, criando uma polifonia do olhar, está multiplicando as maneiras, as possibilidades de ver, substituindo, no caso e essencialmente, o olho pela mão” (BRISSAC, 2000, p.42).

Bavcar pretende unir o mundo visível ao invisível. Exatamente onde ele está e onde estamos todos, neste mundo permeado pelos dois. Não há luz sem as trevas e as trevas não existiriam se não houvesse a luz para despertá-la. Descortinar para o mundo um lado invisível da vida. Falar do invisível é como falar de assombração e a assombração é a morte. Esta morte que acontece em todos nós a cada minuto. Bavcar quando fotografa nos mostra esta morte e assim se aproxima da vida plena, esta vida sem máscaras, sem aparências, sem ilusões.

Quando não se enxerga, compreendemos o que é a eternidade, pois podemos dizer “nunca mais”. E quando uma criança compreende este “nunca mais”, isto é, quando ela sente o gosto amargo da eternidade, ela torna-se adulto (BAVCAR, 2001, p.37).

Esta total consciência de sua condição e a construção de seu trabalho permitem a Bavcar um posicionamento claro, maduro e ao mesmo tempo poético. Aquele que amadureceu rápido perante um acidente quando ainda criança constrói todo o seu trabalho a partir da falta da ilusão aparente que temos da vida. Bavcar é contundente, como a vida foi com ele, em suas afirmações e suave em sua poesia. Ele fala da vida e do amor a partir das mortes vivenciadas em seu corpo. Como a sombra e a luz vivem nele. Não existe amargura ou lamentação. Todos os seus movimentos têm a densidade da morte e ao mesmo tempo o vigor da vida. Bavcar pensa profundo sem ser apelativo. Seu universo de

sombras e luzes nos levam aos fossos escuros da morte e nos elevam ao sol resplandecente da vida. A luz em suas imagens também está presente em suas falas e em seu corpo. Esta luz vem das sombras profundas que são iluminadas pelo seu pensamento. Bavcar é solar. Seu sol está dentro de seu corpo. Seus olhos não vêem fora mas vêem tudo dentro e exalam esta luz por todos os poros de seu corpo. Como os anjos apocalípticos anunciam com suas trombetas o dia e a noite ciclicamente, assim Bavcar realiza um movimento com seu corpo que faz parte de seu trabalho.

Em Nápoles, é sempre necessário olhar tudo duas vezes, nunca satisfazer-se com as lentes da conformidade. Quando fui passear na cidade, senti que o objetivo de minha máquina aumentava até deixar meus braços bem abertos, por entre os quais eu queria segurar as imagens mais longínquas. Foi talvez ali que esta prolongação artificial tornou-se quase parte integrante de meu corpo, ao ponto em que o crepitar de minha máquina e seus ecos se tornassem para mim uma única coisa (BAVCAR, 2001, p.30).

Bavcar se coloca participante da ação e o faz para que o olhar do cego seja aceito e compartilhado. Assim Bavcar mostra/elucida como é sua forma de olhar o mundo e nos coloca no lugar daquele que é o cego, que não pode ver o que ele vê e devolve a nós a sua visão. Seus textos, atitudes, falas e permanências fazem parte de seu trabalho. Assim o vejo um performer. Um artista que tem a consciência de seu corpo, de sua postura política perante a vida e que utiliza seu corpo todo, em várias instâncias, em suas criações, em seu discurso e no contato com o outro.

Bavcar em seus textos nos relembra que grandes filósofos e videntes, na história e nas mitologias, foram cegos. Assim rememora sobre a condição de visionários que os cegos carregam. Libertos da condição daquele que vê com os olhos e, portanto, livres das amarras do mundo

aparente, aqueles que não podem mais enxergar o mundo externo passam a conviver de forma arbitrária com suas imagens interiores. Passam, então, a vislumbrar um outro mundo, o mundo sob outro ângulo, um mundo menos aparente e mais tátil, e a se deparar com as coisas sem seus “efeitos visuais”, sem as seduções aparentes, sem este lixo imagético que nos abarrotava a cada segundo.

por que essa extraordinária atualidade daquele que não consegue ver? É evidente que cada um de nós compartilha com Bavcar da mesma cegueira: por isso ele é atual para nós. Com certeza, a cegueira é uma das mais marcantes condições contemporâneas. Por inúmeras razões, a começar pela avalanche de imagens a que somos submetidos e, certamente, quando há muito a ver, nada se pode ver. Nós nos defrontamos com essa opacidade criada por uma saturação infernal de imagens e de coisas que nos são dadas a ver (BRISSAC, 2000, p.37).

Estimulados a absorver imagens que vêm de fora, sofremos cada vez mais com a perda de identidade, com o distanciamento de nossas questões próprias e com o mundo cada vez mais virtual. “As sociedades industriais transformam seus cidadãos em viciados na imagem – trata-se da forma mais incontrolável de poluição mental” (SONTAG, 1983, p.23).

Assim Evgen Bavcar nos propõe seu contra olhar e possibilita a todos novos paradigmas. Conceitos estruturados são abalados e esta nova acomodação e instabilidade geram novas possibilidades e outras muitas conexões. Conexões que podem nos levar a novas relações que respeitem a diferença, a diversidade, o outro em toda sua dimensão.

Referências Bibliográficas

- BAVCAR, Evgen. Uma câmera escura atrás de outra câmera escura. In: SOUSA, Edson L. A.; TESSLER, Elida; SLAVUTZKY, Abrão.(Orgs.) **A Invenção da Vida – Arte e Psicanálise**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.
- BAVCAR, Evgen. Nápoles, cidade-sol. In: SOUSA, Edson Luis André de; TESSLER, Elida; SLAVUTZKY, Abrão.(Orgs.) **A Invenção da Vida – arte e psicanálise**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.
- BAVCAR, Evgen. **O contra-olhar**. Texto para o projeto “A Expressão Fotográfica e Os Cegos”. Paris/Londrina: 2003, mimeo.
- BAVCAR, Evgen; TESSLER, Elida; BANDEIRA, João (Orgs). **Evgen Bavcar: Memória do Brasil**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- BRISSAC, Nelson. Fotografando contra o vento. In: **Catálogo O Ponto Zero da Fotografia – Evgen Bavcar**. Rio de Janeiro: Very Special Arts do Brasil, 2000.
- Caderno de Textos Educação, Arte, Inclusão. N 2 – dezembro de 2002 a março de 2003 – Edição especial com **os Anais do 1 Congresso Internacional Arte Sem Barreiras**, Comunicação “A Expressão Fotográfica e os Cegos”, p. 56-58.
- NOVAES, Adauto. *Evgen Bavcar – não se vê com os olhos*. In: **O Ponto Zero da Fotografia – Evgen Bavcar**. Rio de Janeiro: Very Special Arts do Brasil, 2000.
- REVISTA BENJAMIN CONSTANT. **Evgen Bavcar: Um olhar além do visível**. n 19, ano 7, agosto de 2001, Rio de Janeiro.
- SONTAG, Susan. **Ensaio sobre a Fotografia**. Rio de Janeiro: Editora Arbor Ltda, 1983.